

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

16. A droga “na família”

Responsável EBP: Pablo Sauce (BA)

Participantes: Alice Munguba (BA), Analícea Calmon (BA),
Ana Martha Wilson Maia (RJ), Carla Fernandes (BA), Claudia Generoso (MG),
Claudia Reis (SP), Cristina Goulart (BA), Luiz Mena (BA)

A Droga na família - impasses deixados pelas marcas do gozo e do mal-entendido

Cernir o que é a família na atualidade nos submerge nos mal-entendidos que alimentam sua existência. Nem seus agentes, nem suas funções parecem dar conta de semelhante tarefa, a partir da prevalência, na contemporaneidade, de um real indócil.

“O *e-pater* já não nos impacta”, assinala Lacan referindo-se à função do “existe pelo menos um que diz não”. E continua: “Em qualquer dimensão, é o pai quem deve impactar a família... ou se achará algo melhor. Sempre há um que impactará a família, que todos sabem que é uma manada de escravos”. [Lacan, Seminário 19: 204]

Na configuração atual de família, é notório que estamos diante do abalo do Nome do Pai, aquele que interdita e regula o gozo. Mas constata-se uma proliferação de significantes que, debilitados em sua função de interdição em relação ao simbólico, passam a servir à reprodução do gozo. Contudo, é pela particularidade produzida por um desejo não anônimo, que o sentimento de família existe e persiste. [Cristiana Mattos, 2007]

Não é difícil percebermos que a trindade pai/mãe/filho não dá conta de uma definição satisfatória de família nos dias de hoje. Ao reduzirmos, com Miller (1993), o conceito de família a articulação de três elementos, NP/DM/a, procedemos a um esvaziamento imaginário dos atores pai/mãe/filho, na tentativa de nos aproximarmos da definição de família em termos de sua função simbólica.

De um modo operatório, podemos designar a família como um laço social restrito, ou como propiciadora de um laço *a*-social. Nessa perspectiva, destacam-se duas vertentes da família: por um lado, aquilo que faz *obstáculo* ao laço social “ampliado”, quando ela se

fecha em si mesma e captura seus membros através de uma alienação constitutiva e aprisionante; por outro lado, a família pode funcionar como *ponte*, como aquilo que propicia a passagem para um laço social “ampliado”.

Cada uma destas vertentes privilegia um viés de transmissão:

- A *família-ponte* privilegia a transmissão simbólica: pela via do romance, do sentido, da ficção;

- A *família-obstáculo* privilegia a transmissão real: pela via do gozo, quando transmite o que Laurent (2011) chama de “programa de gozo”. Esse programa de gozo é o não dito e o não sabido familiar, que atravessa uma família, mas que incide em cada um de seus membros de maneiras diferentes. Porque há a família, há os pais, porém há o modo como cada um, em particular, incorpora os significantes familiares, ou os signos de gozo, inscrevendo em seu corpo esse mal-entendido familiar.

Para introduzir a problemática das drogas nos assuntos de família, servimo-nos dessa perspectiva *a-social* do laço familiar: considerando, com Lacan, que a família é um aparato de gozo para, a partir daí, pensar acerca da incorporação das drogas na família. Interrogamos, então: como pensar a incorporação de um objeto que está a serviço do gozo, numa estrutura que se constrói, também, a partir do gozo?

Vejamos o que nos dizem três jovens, que fazem uso de drogas, acerca desta indagação:

Vinheta 1:

A contingência do nascimento de *Fumaça* aponta para o abandono como marca. Por um lado, seu pai não o registrou; por outro lado, quando nasceu, sua mãe foi expulsa da casa onde morava com a mãe. Numa geração anterior, tem-se a notícia de que seu avô materno, alcoolista, abandonara a família quando os filhos ainda eram crianças. Assim, já se percebe aí um programa de gozo sob a marca do abandono.

A expressão dessa marca se faz visível quando *Fumaça*, aos 12 anos, começa a sentir-se abandonado pela mãe, interpretando que esta dava mais atenção à irmã caçula. Vivendo o desamparo a partir dessa sensação de abandono, encontra um amigo que fazia parte do meio do crime e participava de uma turma nomeada União Família Curinga (UFC). Este amigo lhe convida para integrar essa turma e lhe apresenta a maconha. É nessa nova configuração “familiar” que *Fumaça* adquire este nome. Diz sentir-se pertencendo a uma nova família sustentada pela fraternidade, em nome da qual rouba, faz arrastão e usa drogas. O significante *Fumaça* faz referência a seu estilo, pelo qual ele é reconhecido e respeitado no grupo. Este grupo, que o separa do mundo infantil, constitui-se, mesmo que

temporariamente, como uma família, segundo Kaufmanner (2017), pós-hiper moderna, na qual a pré-existência de um lugar determinado para o indivíduo ocupar como sujeito ou objeto de um “patrimônio”, passa a ser substituída por um “curinga”, possibilitando uma flexibilidade inédita aos laços.

Tal flexibilidade se fez valer quando, 4 anos após o ingresso de *Fumaça*, esta família foi extinta. Em consequência, *Fumaça*, já aos 16 anos, foi impelido a mudar de bairro devido à ameaça de morte por traficantes, o que o redirecionou para a via do gozo encarnado na posição de alienação à demanda materna, sem separação.

Fumaça traz em seus relatos o confronto constante com a ameaça de morte, o que aponta para um imperativo mortífero materno, na forma de uma pergunta que o marcou desde o seu nascimento: *por que você foi nascer?* Entretanto, frente ao real da ameaça de morte do filho, esta mãe se coloca ao seu lado, acolhendo-o sob as seguintes condições: deixar de vestir-se como bandido, não usar drogas, não sair de casa, ir à igreja.

Tais exigências o desnorteavam, sobretudo a de parar de usar maconha. A droga, para *Fumaça*, tinha a função de acalmar seu corpo, seus pensamentos relacionados à morte, e lhe permitia uma *pseudo-separação* do Outro materno. *Pseudo* porque, como já foi dito, a sua posição estava marcada por um gozo alienado à demanda materna, sem separação.

Foi depois de ter passado por tudo isso que iniciou o tratamento, aos 17 anos, num serviço de saúde mental. Deste tratamento, a mãe demandava a mudança radical, que ela não conseguia impor, no estilo de vida do filho. A partir daí começaram a aparecer problemas, pois as possibilidades de lidar com a angústia, surgidas a partir do tratamento, diziam respeito ao *hip-hop* e a fazer rimas num grupo de teatro que o acolhera. Este recurso não agradava a mãe, que considerava “*coisa de bandido*”. Para reduzir o uso da maconha foi prescrita uma medicação, a qual *Fumaça* tomava em excesso, por conta própria, visando a mesma finalidade: acalmar-se. A esse recurso a mãe também foi contra, considerando que ele ficava “*dopado*” e, a partir daí, deu-lhe o ultimato: *ou ela (mãe) ou o tratamento*.

Instalou-se, para *Fumaça*, um grande impasse, pois ficar sem o uso da droga era a condição para ficar com a mãe. Então: *a mãe ou a droga?* E como ficar no tratamento implicaria em ficar sem a mãe, *Fumaça* escolheu interrompê-lo, entregando-se a uma situação de desamparo que o levava ao cumprimento de seu destino sentenciado pelo imperativo materno. Tendo atingido a maioridade, passou a ficar pelas ruas, em uso cada vez mais autístico das drogas, até o dia em que foi encontrado morto, com o corpo marcado por vários golpes de faca.

Vinheta 2:

Duas tentativas de suicídio, relatadas sob transferência, nos remetem à oscilação, entre as posições de sujeito e objeto, de um adolescente, Luís, que, na primeira entrevista, se apresenta como um dependente químico em depressão. A posição de objeto, em alguns momentos, assumida por este adolescente, foi examinada também na perspectiva da sua relação com o objeto droga, visando fazer chegar o bem dizer ali onde estava imperando o empuxo ao gozo. Desta observação extraímos um impasse entre duas relações estabelecidas por este adolescente: uma com o objeto droga, que nada mais é que a resposta do consumo; e outra com a existência, que nada mais é senão a consideração do sujeito como ser. Foi justamente por ter percebido a incompatibilidade entre estas duas relações que Luís buscou uma análise.

Apesar de o objeto droga ser considerado um antídoto contra a angústia, esta se fez presente em Luís pelo fato de que, diante do impasse em que se encontrou, foi buscar uma análise por iniciativa própria, inclusive sem que seus pais soubessem. Argumentou que estava reconhecendo que a experiência sem limites com a droga fez com que a namorada o abandonasse e o colocou na iminência de perder o ano na faculdade. Ele estudava numa faculdade particular e tinha direito a uma bolsa de estudos. Perdendo o ano ele perderia a bolsa, o que faria chegar ao conhecimento de seus pais que ele era um usuário de drogas. Assim, iniciando uma análise, o jovem também vislumbrava a possibilidade de que pudesse lhe ser concedido um atestado, informando que ele estava frequentando reuniões de Narcóticos Anônimos, à noite, como parte do seu tratamento, o que o impedia de assistir às aulas, visto que eram noturnas. Este atestado seria levado por ele ao Reitor da Universidade e valeria, segundo suas conjecturas, como argumento para reverter o processo de suspensão da bolsa de estudos o que, conseqüentemente, preservaria seus pais de tomarem conhecimento deste uso de drogas.

Continuando seu discurso, Luís relatou que, devido a tantas perdas ocasionadas pelo uso compulsivo de álcool, maconha e cocaína, optou por sair da cena da vida através de um plano de suicídio que falhou.

- O que foi que falhou? Interrogou a analista

- A mangueira se desprende do tubo, impedindo a passagem de monóxido de carbono, respondeu o jovem, que logo passou a relatar o plano: colocou uma mangueira em um cano de saída de monóxido de carbono, no carro do pai. Entrou no carro e fechou os vidros, deixando somente uma pequena abertura, por onde introduziu a outra extremidade da mangueira. Ingeriu uma grande quantidade de comprimidos e ligou a ignição. Todo este

procedimento, que falhou, estava orientado para produzir uma morte por asfixia e explodir o carro.

Se o plano falhou porque a mangueira se desprende do tubo, é sinal de que não estava bem colocada, o que permite a leitura de que a falha já estava instalada, antes mesmo deste plano suicida. Regidos por esta lógica podemos ler a falha do plano suicida de Luís, considerando a surpresa pela qual ele próprio se sentiu atravessado por não conseguir discernir se o que aconteceu estaria além ou aquém de suas expectativas. Ao ser tomado pela surpresa, Luiz revela ter pensado: - Eu daria tudo para ver a cara de meu pai ao se deparar com o carro explodido e eu morto dentro. Este pensamento significa que, no plano suicida, o jovem estaria se expondo ao olhar do pai. Que espécie de plano, então, seria este? Uma saída de cena ou uma entrada em cena?

Daí emerge outra interrogação: em que posição Luís se situa quando resolve planejar soluções através de dois atos suicidas? O primeiro, anterior ao tratamento e o segundo ocorrido entre a 4ª e a 5ª entrevista preliminar; portanto sob transferência. Nessa oportunidade Luís chega ao consultório dizendo:

- Hoje quase você não ia me ver; em meu lugar receberia um envelope com o pagamento da sessão.

Viria, então, um objeto. Mas quem vem é o sujeito e relata que, ao mesmo tempo em que iniciou o trabalho analítico, planejou outro suicídio e desta vez com uma arma que havia comprado, por encomenda. Antes de consumir o ato chamou um amigo para conversar e o que ouviu desse amigo o fez recuar de seu propósito. Antes de ter esta conversa com o amigo, Luís havia sido preso porque foi flagrado com um pacote de maconha. Isto teve como consequência a revelação a seus pais de seu vício, até então ignorado por eles, ainda que em parte porque o álcool lhe era permitido pelo pai desde os 10 anos de idade. De toda forma, a partir daí, Luís estava diante do olhar dos pais na condição de toxicômano. Foi justamente a angústia causada pela legitimidade dessa posição diante do Outro, que o levou ao 2º plano suicida. Outro projeto fracassado.... e, desta vez, podemos presumir, que pela confiança na palavra.

O fato é que, em nenhuma das duas tentativas, Luís saiu de cena. Nas primeiras entrevistas dizia ter chegado à conclusão de que sua opção pela droga o fazia perder a vida. Resolveu, então, optar pela vida em detrimento da droga, o que o estava levando a fortes crises de abstinência. Iniciou o tratamento oscilando entre as posições de sujeito e objeto, até o ponto em que, decidido a abandonar a droga e abrir mão da vida, planejou a segunda tentativa cujo tiro "*saiu pela culatra*".

Podemos concluir que o que faz irrupção aí é um “fazer”, que não deve ser confundido com uma passagem ao ato e que, como vimos, tem uma série de funções que podem significar respostas a uma causa enigmática. Uma delas, a que o caso parece apontar, é a de reinventar, sob transferência, a função do pai.

Vinheta 3

João, um jovem estudante – cujo pai foi usuário de drogas no passado, o avô materno alcoolista e a mãe “*salvadora da família*”- é levado à consulta pelos pais quando estes descobrem o uso de maconha. Na ocasião a mãe repete para o filho o mesmo imperativo condicional que tinha colocado para o pai de João no momento de seu nascimento: “*a família ou a droga*”.

A resposta do pai tinha sido a aceitação desse imperativo condicional, deixando a droga em nome da família. Já a primeira resposta de João à imposição desta escolha forçada foi uma falida “*tentativa de suicídio*” que consistiu em engolir, de vez, uma caixa de remédios. No momento da primeira consulta João, aparentemente, tinha aceitado abrir mão da droga para ficar com a família.

No entanto, pouco tempo depois, volta a usar a droga até que a mãe descobre e impõe novamente a sua condição de exclusividade: “*a família ou a droga*”. Porém, desta vez, e em franca rebeldia contra o que chama de “*abuso de controle*”, João não abre mão da droga e, em consequência, é impelido a sair de casa.

Já fora de casa, João diz ao analista não ter mais “*tempo*” para continuar com as consultas e, questionado, revela que comparecia às mesmas - ainda que “*gostando*”- em troca de um ganho secundário, a partir de um acordo prévio com a mãe. Após alguns esclarecimentos das implicações desse acordo e da negativa do analista de continuar sob essas condições - uma vez que o paciente deu claros sinais de estar fazendo uma escolha - o analista o deixa ir, não sem antes afirmar que ele poderia procurá-lo, sob a condição de que fosse por iniciativa própria.

Comentários

Nas três vinhetas é possível notar os efeitos que a interpretação do mal entendido familiar pode provocar na vida de cada sujeito diante das suas escolhas objetais. Mesmo que pela via da repetição, não deixam de trazer uma nova confrontação e um novo mal estar. Nas

vinhetas 1 e 3, o uso de drogas, vem reeditar relações objetais que marcaram a vida de um de seus pais. Encontrar a droga parecia estar dentro de um script inevitável. Como se separar da droga, se o lugar que ela ocupava era alienado ao desejo do Outro? Na tentativa de instalar uma separação com o objeto droga, um impasse, então, é apresentado por este Outro nas vinhetas 1 e 3: Ou “isso” ou as drogas. Contudo, as marcas do gozo e do mal entendido, se fizeram mais eficazes. Já na vinheta 2 o sujeito faz-se notar, nos seus impasses e conflitos, direcionando ao Outro paterno e ao Outro analista, através das suas atuações.

Por outro lado, destacamos alguns elementos comuns às três vinhetas; a saber: o que podemos chamar de *pseudo-separação*; a presença de um impasse que envolve os sujeitos em uma lógica *ou...ou*; e a falta de um terceiro operante que exerça a função paterna, aprisionando-os em uma dualidade imaginária.

Para abordar a *pseudo-separação*, propomos, acompanhando Viganó (1999), que nos novos sintomas o trabalho consiste em recuperar a topologia da dialética alienação/separação. Lacan (1964) propõe a alienação e a separação como “operações da classificação do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro” [Lacan, 1998: 198]. A alienação do sujeito a um significante que captura do Outro implica em uma função dupla, em um espaço topológico como a fita de Moebius – por um lado, permite a produção de um sentido, uma ancoragem, e por outro, implica em afânise, no desaparecimento, já que este significante não diz tudo sobre o seu ser. A alienação envolve então uma escolha forçada: ao mesmo tempo em que se garante sua essência, o sujeito fica eclipsado pelo desaparecimento. Lacan exemplificou esse dilema traduzido na seguinte expressão: *a bolsa ou a vida!* “Se escolho a bolsa, perco as duas e a vida sem a bolsa, é uma vida decepada”. [idem: 201]

Já a operação de separação remete o sujeito a uma “falta antecedente de seu próprio desaparecimento, que ele vem aqui situar no ponto de falta percebida no Outro (...) É uma falta engendrada pelo tempo precedente que serve para responder à falta suscitada pelo tempo seguinte” [idem: 203]. Isso é o que favorece a entrada na dialética do desejo e permite que o sujeito formule uma resposta sobre quem é no desejo do Outro, sendo este o suporte que o liberta da condição de objeto.

A partir das vinhetas clínicas entendemos que no caso de *Fumaça* há claramente um impasse frente à separação em virtude da alienação ao imperativo materno. *Por que você foi nascer?* é uma pergunta que, por um lado o petrifica em um sentido mortífero, e por outro, produz afânise. Interessante que é a partir do significante *Fumaça* – produto da nova

configuração Familiar (UFC) –, que um esboço de sujeito emerge, na tentativa da formulação de uma resposta.

No caso de Luís, frente às situações envolvendo perdas, que remetem à separação, recorre às tentativas de suicídio, *actings out* que revelam, através das cenas, a questão implicada na operação de separação: *pode ele me perder?* Segundo Lacan, a fantasia de morte, de desaparecimento “é o primeiro objeto que o sujeito tem a por em jogo” [Lacan, 1998: 203] frente ao desejo parental, cujo objeto é desconhecido. Via repetição reproduz o impasse que relança a operação de separação. O sujeito está preso nesse emaranhado.

No caso de João verifica-se a tentativa de suicídio como uma recusa ao imperativo materno, uma tentativa forçada de separação pelo rompimento. A escolha pela droga o leva a sair da posição de alienação à demanda materna, passando a uma *pseudo-separação*, que permite situá-lo na condição de sujeito e recuperar um gozo que outrora foi interdito ao pai.

Ainda que em muitos casos a droga apareça como auxiliando uma tentativa de separação do Outro, podemos supor que se trata de uma separação problemática, como estas vinhetas ilustram. Ali onde a droga reforça um *acting-out* ou um afastamento forçado da família percebe-se que se trata mais de uma *pseudo-separação*, que reitera no real como um abandono ou um “deixar-se cair”, que visa tampar a iteração da própria alienação, reforçando-a indefinidamente.

A modo de conclusão, podemos dizer que o que viabiliza a incorporação da droga num aparato de gozo é a tentativa, de cada um, de recuperar esse gozo perdido na alienação ao campo do Outro. Tentativa vã, pois o gozo do Um não é assimilável ao gozo do Outro.

Bibliografia

Lacan, J., (1964) *O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

Viganó, C., Les nouveaux symptômes et la Question préliminaire: L'exemple de la toxicomanie. *Mental – Les pratiques du diagnostic*. Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée. Bruxelles: École Européenne de Psychanalyse. No 6, juillet 1999, pp. 47-65.

Kaufmanner, H., Ficções Familiares. Boletins *Assuntos! Do ENAPOL* #2. Disponível em:

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/Boletines/Asuntos/002/Henri-Kaufmanner.html>

Laurent, É., O programa de gozo não é virtual. Revista *Correio* N° 68. Abril 2011.

Mattos, C., Lazos de Família. *Mediodicho* N° 32. Agosto 2007.

Miller, J.-A., (1993) Assuntos de família no inconsciente. *aSEPHallus* Revista de Orientação

Lacaniana volume II, numero 4. Disponível em:

http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/asephallus04.pdf